

ESPAÇOS FORMATIVOS, MEMÓRIAS E NARRATIVAS.

ENTRE HISTÓRIAS E NARRATIVAS DE UMA DOUTORANDA: O ENCONTRO COM O OBJETO DE ESTUDO E O EXERCÍCIO DO SANKOFA

Ana Claudia Lima de Assis

Universidade Estadual do Ceará - UECE

claudia.assis@aluno.uece.br

Elisangela André da Silva Costa

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Universidade Estadual do Ceará – UECE

elisangelaandre@unilab.edu.br

Resumo

Ao nos aventurarmos em uma narrativa autobiográfica assumimos uma perspectiva que legitima o vivido e a experiência como referências ricas em sentido para a produção de conhecimento. Assim, apoiamo-nos em Rabelo (2011) quando diz que as narrações contribuem na construção de significados sobre quem somos, tanto para os outros, quanto para nós mesmos. Trata-se de um olhar para si a partir de um retrovisor, não orientada pelo saudosismo, mas como identificação de quem se é hoje, a partir do reconhecimento de nossa incompletude, enquanto seres históricos que somos. O Sankofa, símbolo Adinkra africano, traduz o provérbio de que nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás. Assim, é possível apanhar os aprendizados ocorridos em nossa trajetória e retomá-los como referências para resolver cada novo desafio posto pelas nossas vidas. Tal ensinamento dialoga com os fundamentos e práticas da pesquisa autobiográfica, pela valorização das memórias dos sujeitos, das experiências individuais e coletivas (Abrahão, 2003). O presente trabalho objetiva discutir o potencial investigativo-formativo da produção de narrativas autobiográficas na composição dos objetos de estudo por doutorandos em um programa de pós-graduação em educação de uma universidade pública cearense. Nele, analisamos a experiência vivida por uma das autoras, bacharela em Serviço Social e licenciada em História. A escrita de si colocou a narradora diante do exercício da docência, da gestão, da coordenação pedagógica, da militância e da luta pelo direito à educação, em especial, a educação escolar quilombola. O exercício de narrar inspira os sujeitos a se assumirem como narradores e personagens na escrita, trazendo suas experiências para a textualidade e realidade. Segundo

Passey (2010), as investigações sobre as escritas de si no processo de formação docente são desenvolvidas sobre dois eixos: o que compreende o ato de narrar como dispositivo de formação e o segundo as narrativas são consideradas como método de investigação. Dessa forma, a narrativa autobiográfica ora analisada cumpriu o papel de promover a autoformação de uma pessoa adulta que narra e forma a si mesma. A partir das memórias partilhadas pela doutoranda, constatamos que a formação de professores sempre fez parte de sua vida profissional, figurando, a princípio, como reprodução de conhecimentos, ato formal de transferência de saber próprio de uma educação bancária, conforme ressalta Freire (1996). A partir dessa constatação, levantamos a hipótese de que talvez essa formação bancária, realizada através de pacotes de informações, tenha impedido a compreensão do processo formativo como ação reflexiva, investigativa e colaborativa, fato que distanciou a narradora, no início do exercício da docência, de uma leitura crítica acerca do direito à educação. De acordo a narradora, foi através dos estudos na pós-graduação, nos cursos de extensão, no envolvimento com as Instituições de Ensino Superior, que teve acesso às leituras, debates e reflexões a respeito da formação de professores como processo crítico e reflexivo, pleno de possibilidades. As pesquisas autobiográficas ganharam espaço no Brasil, a partir da década de 1990, contexto em que as pesquisas educacionais articularam as escritas de si como estratégias de investigação sobre a formação e a profissionalização docente, valorizando, desse modo, a existência e a experiência de professores. A narradora aponta que as leituras de Freire (1996), Pimenta (2012), Nóvoa (1992), Alarcão (2011) e Passey (2010) alargaram seu olhar sobre os processos formativos, compreendendo-os como espaços que permitem refletir sobre a prática pedagógica e, a partir deste exercício, produzir conhecimentos. Nessa perspectiva, a doutoranda aponta para a ideia de que o fato de estar sempre em construção perpassa a compreensão de estarmos envolvidos em processos ininterruptos que integram teoria e prática. São destacados, nas narrativas, os estudos de Franco (2016) como contribuições preñes de significado que desnudaram a prática pedagógica enquanto fazer automático, alienada e, portanto, alienante, ausente de fundamentos pedagógicos, esvaziada de reflexão e crítica, que reifica a situação opressora e impede o protagonismo docente. A doutoranda aponta que essa visão a direcionou a um contexto pedagógico e epistemológico do qual emerge o conceito de professor reflexivo que articula a reflexão à leitura crítica, histórica e politicamente situada dos problemas cotidianos. Ela indica que é nessa perspectiva de formação de professor que hoje estuda, investiga e busca vivenciar a profissão. A pesquisa

autobiográfica apresenta-se, pois, como método de pesquisa e como estratégia de formação que oportuniza a construção de conhecimentos, como os elaborados pela doutoranda a partir do revisitar de suas trajetórias. As narrativas analisadas apontam que as primeiras aproximações com o objeto de investigação, a saber, a educação escolar quilombola, ocorreram durante sua trajetória universitária em um projeto desenvolvido na Serra do Evaristo – Baturité – Ceará - Brasil, na década de 1980, período em que esta comunidade ainda não tinha se descoberto como quilombola. Segundo as narrativas, o encontro foi fruto da militância, por meio de um projeto que visava levar conhecimento para aquela comunidade rural cuja escolarização se restringia aos anos iniciais do ensino fundamental, evidenciando a negação do direito constitucional à educação básica e as desigualdades existentes entre a população dos centros urbanos e do campo. A doutoranda revela que teve acesso à educação formal em todos os níveis e à educação informal por meio da participação em movimentos sociais, como o movimento popular de Baturité que apoiou a população da Serra de Evaristo na reivindicação da continuidade de escolarização junto ao governo municipal. Enquanto essa demanda não era atendida pelo poder público, os participantes do movimento assumiam, no período de férias escolares, as salas de aula e a educação das crianças, como forma de colaborar com a comunidade. Na década de 1990, a narradora coordenou uma Organização Não Governamental, dando início a um trabalho social naquela comunidade, motivada pelo perfil que ela apresentava, aguerrida, voltada para as tradições, forte trabalho comunitário, presença do coletivo etc. Nos anos 2000, passou a coordenar um projeto de Educação do Campo, dentre as quais se destacava aquela situada na Serra do Evaristo e que tinha como marcas a participação, as discussões em torno da relação entre conhecimento científico com raízes e tradições. Neste período, a comunidade já havia se autodeclarado quilombola. Por fim, em 2022 sabendo que nessa localidade a escola de ensino fundamental já desenvolvia práticas de valorização da cultura local e de fortalecimento da identidade étnico-racial, a doutoranda sentiu-se instigada a pesquisar sobre a temática da formação docente e prática pedagógica dos educadores quilombolas. O processo de narração sobre seu encontro com o objeto de investigação reafirma que a pesquisa narrativa é uma forma de pensar sobre a experiência e problematizar diferentes fenômenos sociais (Clandinin e Connelly, 2015). Compreendemos que o olhar voltado para si possibilita a investigação das múltiplas dimensões da identidade do professor. O olhar curioso sobre as experiências formativas possibilita reflexões sobre a prática, promovendo processos de fortalecimento identitário,

mudanças de visão de mundo e acima de tudo a valorização de si e de sua trajetória. Concluímos, assim, reiterando a compreensão do conhecimento como autoconhecimento que nos oportuniza mais diferentes níveis de ensino, a articulação das experiências de formação, vida e trabalho com o conhecimento cientificamente construído. Expressa-se, desse modo, o potencial emancipatório da pesquisa autobiográfica na formação e professores pesquisadores.

Palavras-chave: Narrativas. Formação Docente. Sankofa. Histórias de vida.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **History of Education Journal**, v. 7, n. 14, p. 79-95, 2003.

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2011.

CLANDININ, D. J.; Connelly, F. M. **Pesquisa Narrativa: experiências e histórias na Pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de pesquisa narrativa e educação de professores ILEEL/UFU. 2. ed. rev. Uberlândia: EDUFU, 2015.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. Práticas pedagógicas de ensinar aprender: por entre resistências e resignações. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, jul./set. 2015. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v41n3/1517-9702-ep-41-3-0601.pdf> >. Acesso em: 03 maio 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. 1996

NÓVOA, Antonio. (Coord.) *Os professores e sua formação*. Lisboa: Publicação Dom Quixote, 1992.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI; SILVA (Org.) *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: _____. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

RABELO, Amanda Oliveira. A importância da investigação narrativa em educação. **Educação & Sociedade**, v. 32 n. 114, p. 177- 188, jan./mar., 2011.